



**NA DINÂMICA DA MUDIATIZAÇÃO: estudo de caso da política de inclusão digital, GESAC em comunidade quilombola**

**ON MEDIATIZATION'S DYNAMIC: case study of digital inclusion policy GESAC in quilombola community**

**Marco Antônio de Oliveira Tessarotto<sup>1</sup>**

**Resumo**

O presente resumo tem por objetivo apresentar os níveis de afetação acionados pela implementação de uma política pública de inclusão digital em uma comunidade quilombola no Estado da Paraíba. O estudo de caso faz parte do recorte de pesquisa que está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na UNISINOS. O Programa Grupo Especial de Serviços ao Cidadão, GESAC realiza um primeiro movimento no sentido de introduzir elementos fundantes da democracia representativa em populações/comunidades isoladas geograficamente e, neste sentido, passamos a realizar uma reflexão sobre os modos e formas como a midiatização e suas lógicas passaram a afetar e atravessar os usos e apropriações por parte destes usuários e a interação com as redes. Neste processo, observamos que a ambiência implementada pelos agentes públicos atua e desloca as lógicas de sentido, acarretando em outras e novas formas de organização social, cujo ordenamento está associado ao processo de midiatização das interações sociais, fato este, gerador do sentimento de “um novo estar e ser no mundo” (GOMES, 2016). Este artigo, pretende ainda, descrever as performances acionadas pelos usuários do GESAC em uma comunidade negra e quilombola no Estado da Paraíba e inscritos no meio da rede social Facebook. Ao pensar na democracia representativa e inserida na dinâmica de uma política pública indagamos sobre: Quais as estratégias específicas de atribuição de valor adquirido nos “fluxos entre produção e recepção” acionadas pelos jovens quilombolas? (ROSA, 2015). Como os jovens se percebem no jogo dos fluxos “adiante” dos circuitos? (BRAGA, 2006). Neste sentido iremos apresentar como as “idas e vindas” destas ofertas disponibilizadas articulam uma

---

<sup>1</sup> Aluno pós-graduação [nível de Doutorado]; UNISINOS; [marcoot@edu.unisinos.br](mailto:marcoot@edu.unisinos.br)



temporalidade do passado e do presente nas redes digitais, processos este, onde os elementos sócio-técnico-discursivos (FERREIRA, 2007) da midiatização passam a afetar e inserir novos protocolos de produção onde, para além de um respectivo emissor/receptor, um terceiro elemento se interpõe enquanto processo de acoplamento dialógico que Fausto Neto (2006) fala que é a circulação, zona esta de indeterminação e atravessamentos múltiplos.

**Palavras-chave:**

(democracia representativa, inclusão digital, comunidade quilombola)

**Abstract**

This summary is intended to present the affectation levels triggered by the implementation of a public policy of digital inclusion in a community in the State of Paraíba. The case study is part of research that is clipping in the PhD program in communication sciences at UNISINOS. The program the special services to the citizen, GESAC performs a first move towards introducing wrote elements of representative democracy in populations/communities isolated geographically and, in this sense, we perform a reflection on the modes and forms such as the midiatization and their logics have come to affect and cross the uses and appropriations for these users and the interaction with the networks. In this case, we observe that the environment implemented by public acts and offsets the logic of sense, leading in other and new forms of social organization, whose land use is associated with the midiatization process of social interactions, fact this feeling of generator, "a new and being in the world" (GOMES, 2016). This article aims to describe the performances still triggered by users of GESAC in a black community and is in the State of Paraíba and inscribed in the middle of the social network Facebook. When thinking in representative democracy and in the dynamics of public policy we inquired on: what are the specific strategies of value assignment purchased in "cash flows between production and reception" triggered by the young quilombolas? (ROSA, 2015). As young people to realize the game flows "ahead" of the circuits? (BRAGA, 2006). In this sense we will present how the "comings and goings" of these offers available articulate a temporality of past and present in the digital networks, this process, where the socio-discursive and technical elements (FERREIRA, 2007) from midiatization pass the affect and insert new production protocols where, in



addition to a respective sender/receiver, a third element comes while Dialogic engagement process that Fausto Neto (2006) says the movement, this zone of indetermination and multiple crossings.

**Keywords:**

(representative democracy, digital inclusion, quilombola community)

**INTRODUÇÃO: ENTENDENDO A COMPLEXIDADE DO TEMA**

O local do estudo de caso é a Comunidade Remanescente de Quilombo do Matão que surgiu em meados do final do século 19, quando em 1875 se estabeleceram seus primeiros habitantes em uma área de mata virgem e fechada entre os municípios de Gurinhém e Mogeiro, situados no agreste paraibano e a 80Km da capital, João Pessoa. Os moradores do Matão têm sua origem nos primeiros negros fugidos da antiga Fazenda Pirauá e da senzala de Manipeba. A comunidade foi fundada pelo casal, Manoel Rufino e Antônia cujos descendentes estabelecem relações de território, pertencimento e parentesco há oito gerações. O reconhecimento enquanto território remanescente de quilombo por parte da Fundação Cultural Palmares<sup>2</sup> (FCP) ocorreu no dia 17 de novembro de 2004.

**1.1 FRATURAS DO DIGITAL NA ESTRUTURA SOCIAL**

A zona de contato com o digital ocorre por meio do Programa Governo Eletrônico de Serviços de Atendimento ao Cidadão. O GESAC vinculado ao Ministério das Comunicações do Governo Federal e criado no ano de 2002 tem por objetivo disponibilizar o sinal de internet em regiões sem acesso à rede. A opção adotada pelo GESAC é a instalação nestas localidades de antenas de sinal da internet via satélite.

O projeto de inclusão digital, GESAC instalou em 2014 na Comunidade do Matão, 5 computadores de mesa (*desktops*) e o sinal de internet via satélite em parceria com a StarOnce EasyBand, empresa do grupo Embratel.

---

<sup>2</sup> A Fundação Cultural Palmares foi instituída no ano de 1988 e é uma “instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira”, atualmente está vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). A FCP é responsável pela certificação para comunidades quilombolas, este documento “reconhece os direitos das comunidades quilombolas e dá acesso aos programas sociais do Governo Federal”. Informações disponíveis em: <[http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95](http://www.palmares.gov.br/?page_id=95)>, acesso em 04 jan. 19.

Em setembro de 2015, a empresa Hughes e parceira do grupo Telefônica (Vivo) instalou uma segunda antena com maior capacidade de transmissão de dados com um link de 5 Mbps. No final de 2016, a comunidade foi contemplada com uma nova atualização tecnológica pela Hughes que substituiu a antena de maior dimensão por uma mais compacta e com o triplo da capacidade de velocidade de descida ou de *download*, saltando dos 5Mbps para 15Mbps.

A comunidade verificando a melhoria técnica da rede, adquiriu em regime de cotas, um roteador sem fio e uma antena externa Omnidirecional que distribui o sinal sem fio com alcance de 200 metros no entorno da escola. A rede instalada na comunidade é segura e possui senha de acesso, compartilhada apenas com os membros e amigos da comunidade. Atualmente, o acesso e seu uso é feito via *smartphones*, *tablets* e *notebooks* adquiridos pelos quilombolas.

#### Ilustrações 1, 2, 3 e 4



Do autor, 2016 (1 e 2, imagens superiores) e 2018 (3 e 4, inferiores)

Nesta percepção, tensiona-se como a política pública de inclusão digital do GESAC (Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão) passou a controlar fluxos e “a tensão entre uma Internet aberta, neutra e colaborativa e uma Net controlada pela indústria é um ponto de fratura na temática da convergência” (CÁDIMA, 2014, p.272). O Governo em nível institucional sabe o que e por onde os jovens quilombolas estão navegando, “controlar cada vez mais o que cada cidadão pode ou não fazer com a cultura e a

criatividade nas redes” (*op.cit*, 2014, p.272). O problema da informação/dos dados resultaria dessa possível “transparência” que emerge das redes e passa a ocultar fraturas expostas e seus conflitos resultantes.

Os programas de inclusão digital atuam sob a lógica do modelo distributivo considera que o acesso de bens e serviços de consumo coletivos são condições intrínsecas de cidadania. Estas políticas, a exemplo do Governo Eletrônico de Serviços ao Cidadão (GESAC) possui como diretrizes essenciais, o acesso universal à internet e aos equipamentos necessários, alinhando à desoneração fiscal (PIS, CONFINS) dos dispositivos fabricados no país.

Bernardo Sorj (2003) explicita que “este conjunto de bens e serviços regulados pelo Estado afetam as condições de igualdade social – pois dissociam parcial ou totalmente o acesso ao bem da renda pessoal, devem ser somadas as políticas redistributivas”. (2003, p.31). Ao analisar as formas e modos como a desigualdade social permanece atrelada aos objetivos de implementação das políticas públicas de inclusão digital, Sorj (2003) esclarece que, tais políticas deve levar “em consideração a posição relativa de cada grupo identitário” (2003, p.32), avaliando como o conjunto de impactos e consequências sociais das TICs e, se verifica uma melhoria na “qualidade de vida e as relações econômicas e sociais mediadas por artefatos tecnológicos incorporaram conhecimento científico” (2003, p.35) nas comunidades/sujeitos impactados pelas políticas de inclusão digital.

## **2 DESENVOLVIMENTO: ESCLARECENDO O PERCURSO DO EMPÍRICO**

O quadro apresentado e sua reflexão ocorre quando o conhecimento passa a se tornar um fator “agregador de valores”. A busca pela construção de redes de saberes está vinculada a uma coletividade de partilhas, contudo, a atual conjuntura dos meios optou por uma espécie de “radicalização do processo de individualização, no sentido de perda de referências da conduta social. O indivíduo já não é mais pautado pelos valores tradicionais ou nas normas, instituições e ideologias da modernidade “(...) o que gera uma nova forma de individualismo reflexivo, no qual as pessoas devem negociar constantemente suas relações sociais” (2003, p.38). Sobre o tempo-espaço, a percepção ocorre por meio da percepção dos sentidos, o deslocamento do indivíduo e local geográfico/virtual ocorre de maneira instantânea, de marcada transferência de



experiências, do “real” ao “virtual”, o ponto de ligação entre estas duas realidades é determinado pela cultura.

A divulgação nas redes sociais, de sons, imagens e vídeos com o cotidiano na comunidade quilombola contribuiu para a revelar marcas/traços identitários antes, restritos no espaço geográfico do Matão, passa a agenciar movimentos outros de idas ao meio e o retorno baseado nos *feedbacks* complexos. A gratuidade de seus usuários se deve a esta característica da rede, sua adesão está vinculada a um contrato de interação interdependente, atribuído aos laços de reconhecimento mútuo. Sorj (2003) descreve ainda que, “a criação de redes virtuais não elimina a materialidade do mundo”, toda matéria depende da potência vital do simbólico nutrido pelas interações “face-à-face” (*face to face*).

A política de inclusão digital, serve neste ponto, para agregar ao sistema, valores identitários que não estavam na estrutura produtiva, econômica e social. A “inclusão do outro” serve para aprimorar o algoritmo dos meios e cativar melhor a nova audiência, a exemplo dos “neófitos” quilombolas do Matão. Os ajustes realizados parte dos conteúdos direcionados conforme movimentos realizados pelos usuários, ajustando às redes para dirimir os confrontos e disputas. As “bolhas” de interesses surgem para fomentar uma sensação de acolhimento igualitário e coletivo.

A exclusão se beneficia por duas fortes tendências, uma primeira pela inexistência “de infraestrutura física de transmissão” e uma segunda pela indisponibilidade do “equipamento/conexão de acesso (dispositivos e hardware). O imbróglio atual entre a Telebrás e o consórcio liderado pela Embratel, datado de julho de 2018 diz respeito às condições técnicas e tecnológicas do atual cenário das redes. O atual monopólio da Embratel fornece o serviço de banda larga via satélite com uma capacidade de conexão com a média de 1MB/seg.

A Telebrás ao abrir edital de concorrência para a exploração do Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas (SGDC-1), a empresa norte-americana “Viasat” venceu por disponibilizar uma velocidade de 25MB/Seg, utilizando o recurso técnico de banda ka exclusiva no satélite brasileiro. O recurso técnico do satélite impede que as atuais empresas de telecomunicações que fornecem o serviço ao GESAC (Embratel, Vivo e Oi) possam concorrer e controlar o serviço do GESAC. Ao atender um pedido da Embratel, o Supremo Tribunal Federal pediu vistas ao processo, ao acatar de modo provisório, uma liminar de suspensão alegando que o satélite estatal (SGDC-1) não poderia ser operado por uma empresa estrangeira. O embate jurídico concluído em



novembro de 2018 possibilitou a inauguração do centro de controle do satélite no Rio de Janeiro e, somente no primeiro semestre de 2019, o GESAC poderá atender às demandas e interesses do “Programa Internet para Todos” com internet de qualidade e de velocidade para atendimento de Telecentros, escolas, associações, prefeituras.

Um dos desafios encontrados pelos “neófitos” da rede, no caso dos jovens quilombolas é a falta de conteúdos específicos para as comunidades negras e rurais, a exemplo de páginas pessoais das comunidades, notícias, interações entre elas. Esta citação de Sorj (2003) entra em conflito com os interesses do relatório do Tribunal de Contas da União (TCU, 2015) sobre a necessidade da universalização da internet e das orientações para políticas públicas de inclusão digital que, com seus serviços possa “incluir para desenvolver”.

## 2.1 DOS MEIOS À MIDIATIZAÇÃO, ENTENDENDO O PROCESSO

No Brasil, a internet inicia experimentações no ano de 1989 com a Rede Nacional de Pesquisa, (RNP). O objetivo central desta rede era de servir de ponte para as conexões entre os centros de pesquisa no Brasil e os Estados Unidos. Em 1991, uma rede regional de internet foi criada para fins acadêmicos e interligação entre universidades e centros de pesquisa no país. Somente em 1994, temos a oferta comercial da Internet por meio da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) que disponibilizou acesso discado por *dial-up* (1995 com 56kbps) e, atualizado pelo ISDN (128kbps em 1998). Em 2001, a tecnologia evolui para o acesso via banda larga com velocidade de 1Mbps na tecnologia DSL, sendo ampliada para o sistema ADSL que permitiu em 2005, velocidades acima dos 5Mbps/seg.

A partir dos anos 2000 são criados os fundos para a implementação dos programas de inclusão digital e expansão da infraestrutura, a exemplo do Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicação, o FUST. O objetivo deste programa era o de universalizar os serviços de comunicação, a exemplo dos telefones públicos (orelhões) e internet em escolas públicas e centros comunitários. Neste contexto, o *e-governo* trata de formular estratégias para formar/capacitar profissionais fazendo uso de ferramentas educacionais mediadas pelas tecnologias. Em outro estágio, adequou ações para solucionar demandas outras, a exemplo da segurança pública e da saúde, ampliando o leque de serviços inteligentes e difundido a melhor prática e de gestão bem-sucedida.

O teórico Mulgan (2005) estabelece como valor público e alvo de ações do *e-governo* questões de ordem informacional (acesso, meios, plataformas); de comunicação (canais interativos, disponibilidade em diversos dispositivos técnicos; atendimento ao cidadão); e à longo prazo, uma política e sistema próprio a ser introduzido de forma gradual no dia-a-dia dos cidadãos, contemplando setores e serviços públicos e/ou privados.

O uso das tecnologias não é espalhado em todos os setores e organizações sociais. Alguns teóricos defendem uma espécie de “cautela, risco e incertezas” da tecnologia e seus usos por determinados grupos. A tendência da universalização das ferramentas digitais é o aumento da auto-organização das ações entre os cidadãos e a sociedade civil. As participações da sociedade nos fóruns colaboram para o desenho dos serviços e ações dos programas de inclusão digital.

### **3 OS QUILOMBOLAS NA CIRCULAÇÃO DO MEIO FACEBOOK: APROPRIAÇÕES E ATUALIZAÇÕES IMAGÉTICAS**

Neste ponto passamos a descrever os fenômenos comunicacionais que passaram a ocorrer por meio de episódios/ensaios de interação dos jovens quilombolas no meio Facebook. Neste meio, as representações do produto ofertado são regidas por um trabalho de compartilhamento das “diferenças” entre as esferas produtivas em cena. As experimentações tentativas são tratadas como uma dessas formas de “enfrentar, resolver ou fazer agir criativamente [nas] diferenças” (BRAGA, 2017, p.20). O objetivo deste esquema é o de evidenciar como o jogo complexo de interações busca diálogos e convergências possíveis na construção de sentidos de mundo.

Os episódios interacionais e os movimentos performáticos dos jovens quilombolas na esfera da comunicacional podem ser pensados nas “trocas, articulações ou tensionamentos entre grupos, entre indivíduos, entre setores sociais; frequentemente desencontrada, conflituosa” (BRAGA, 2017, p.21). Desta assertiva, os caminhos heurísticos propostos entre dinâmicas de ofertas em circulação estão vinculados a uma teoria tentativa, onde o comunicacional do objeto é extraído de diversos ângulos modalizadores.

As fases/dinâmicas apresentadas pretendem ver no percurso dos observáveis como critérios de apropriação foram gestados tanto por parte do emissor, bem como, no campo do consumo na esfera da recepção. O desafio consiste em analisar processos que



apresentam “tentativas dos participantes e as tentativas sociais [que] se atualizam a cada episódio interacional, em tentativas de processo” (BRAGA, 2017, p.24).

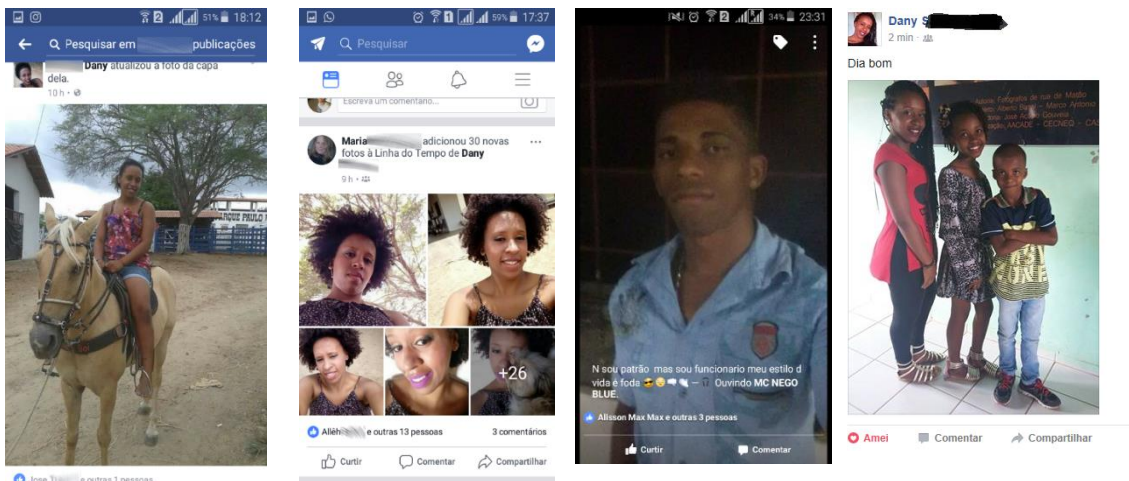
A circulação proveniente no meio Facebook, segundo Fausto Neto (2013) se expressa em “condições através das quais o processo interacional é manejado [e] resultaria que suas relações dar-se-iam em meio a ‘desajustes’ ou intervalos” (FAUSTO NETO, 2013, p.47). As relações sociotécnicas ao afetarem os sistemas de representação sociais, este último, passaram a acoplar sentidos outros à circulação, dinamizando marcas nos produtos enunciados.

No artigo proposto e, em exercício tentativo, passamos a percorrer os caminhos das ofertas perambulantes e enunciadas pelos jovens quilombolas, onde a cada atualização intentam superar as defasagens comunicacionais nas superfícies deslizantes no meio Facebook.

### 3.1 DINÂMICA 1. AS RELAÇÕES DO “EU E O MUNDO” – OFERTAS QUE ASCENDEM ÀS REDES

A proposta de constituição desta primeira dinâmica intitulada por “Eu e o Mundo” descreve a ocorrência do processo de implementação do programa de inclusão digital na comunidade quilombola. Este movimento representa uma ação inicial por parte do ator social, de ingresso e acesso ao espaço digital pelos jovens quilombolas. Nesta zona, a inscrição por meio de processos táteis (usos) e tentativos, passamos a visualizar nas materialidades, a constituição de uma representação primária imagética e simbólica deste “eu neófito” nas redes digitais. Os observáveis enquanto inferência revelam à priori, o episódio em que, o indivíduo “fora das redes” faz sua inscrição ao meio e, em processo tentativo passa a ofertar sua “identidade desnuda” de afetações sistêmicas (recursos técnicos de embelezamento).

#### **Ilustrações 05, 06, 07**



Do autor, 2016-2017. Ilustrações extraídas do fluxo entre dezembro de 2016 e março de 2017. Termos de Consentimento da pesquisa autorizados, maior de idade.

As extrações que retratam este primeiro movimento foram classificadas a partir da construção de caminhos inteligíveis para as interações tentativas dos jovens quilombolas, onde observamos os “modos e táticas na busca por uma efetividade comunicacional ampliada” (BRAGA, 2017, p.33). A dinâmica evidencia ainda, um ambiente cultural cujos padrões são desenvolvidos e postos em circulação pelos participantes.

A primeira extração (esquerda e superior), a jovem optou por ser fotografada por um terceiro elemento. Este movimento, de ser retratada e reconhecida na circulação provocou a necessidade de auto representação de sua identidade imagética. Na segunda imagem extraída (direita e superior) verifica como o movimento do “ensaio-e-erro” provoca um disparo no sentido de apropriação tentativa da técnica do *selfie* passa a afetar lógicas para uma possível fixação de sua representação imagética. O terceiro e quarto episódio (esquerda e direita inferior) retratam a mesma lógica de oferta, deixar-se ser representado por um “outro” interlocutor para, em seguida, assumir seu papel de atorização de sua enunciação.

Os dispositivos sócios-técnicos acionados são os mais variados e, neste caso específico, o dispositivo escolhido foi a “vaquejada”, festejo da cultura tradicional e celebrada anualmente. Esta vivência simbólica movimenta e alimenta com elementos subjetivos as práticas sociais e comunitárias destes jovens. Neste sentido, o dispositivo atuou sob a moldura de uma rede de elementos coordenados e processuais que “são processos e modos de ação, mas também estratégias pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais e atividades específicas da experiência vivida e das práticas sociais. (BRAGA, 2017, p.38).

### 3.2 DINÂMICA 2. INTERNALIZAÇÕES DO “MUNDO PARA O EU” – EXPERIMENTAÇÕES TENTATIVAS DAS ZONAS DE CONTATO COM O “EXTERNO”

A segunda dinâmica é caracterizada pelas afetações resultantes dos *feedbacks* iniciais com a circulação no meio Facebook. Nesta dinâmica específica, as redes atuam na condição dos modos de operações expressos por atualizações que passam a recompor este “eu quilombola” em episódios replicantes na circulação. As materialidades recuperam experimentações e esforços produzidos pelos jovens quilombolas ao se apropriarem da expertise/dos usos das redes, acionaram movimentos de apropriação e interação com este universo “externo” à comunidade geográfica. Os dispositivos nesta fase, atuaram mais efetivamente na mediação discursiva, constituindo zonas de contato cujos parâmetros *ad hoc* foram convertidos para fomentarem uma interação “mais bem-sucedida” (BRAGA, 2017, p.37). Nesta arena, os campos sociais e seus respectivos atores (cada um com suas demandas e formas específicas de enunciar algo) se estabelecem no sentido de promover espaço de referencialidade na circulação<sup>3</sup>.

Este cenário expresso por uma “emergência [de uma] ‘zona de contato’” (FAUSTO NETO, 2013, p.56) conflituosa e divergente, o movimento interpretativo do pesquisador infere que, o Facebook é a nova figura do “ombudsman binário” chancelando a mediação entre a produção e recepção. As extrações buscam desvelar como os produtos elaborados se articularam na proposta de estabilizar as afetações endógenas da dinâmica apresentada.

#### Ilustrações 08 e 09



<sup>3</sup> O teórico Verón (2004) recuperado por Rosa (2016, p.76) afirma que a circulação é uma “defasagem entre os dois” polos do “sistema de produtivo do sentido” (ROSA, 2016, p.76) polos estes, da produção e do reconhecimento.



Do autor, 2016 e 2017. Extraídas do fluxo em outubro de 2016 (esquerda) e agosto de 2017 (direita).  
Termos de Consentimento da pesquisa autorizados

Da amostra selecionada, podemos inferir que o movimento de experimentação está marcado por afetações resultantes das interações com este “externo” à comunidade, revelando como a midiaticização, suas plataformas e dispositivos passaram a conduzir e perfazer os produtos ofertados pelos jovens quilombolas.

Na primeira extração (à esquerda), o jovem quilombola tem sua imagem e representação imagética tensionada por uma jovem da comunidade contudo, seu simbólico entra em disputa na circulação contra uma representação *outsider* da comunidade negra. Neste jogo, quem se replica nas redes, a imagem do jovem negro quilombola ou do adolescente de etnia caucasiana?. A segunda extração representa um posicionamento e tentativa inicial de fixação do “totem negro quilombola” que, ao se firmar na condição da “morena que tu respeita”, conforme o textual da enunciação revela que o simbólico deste “eu negro/quilombola” está impregnado por lógicas e afetações dos contratos entre gramáticas e de ordenamento vinculados à uma experimentação do social.

### 3.3 DINÂMICA 3. O PROBLEMA DAS FORÇAS EXÓGENAS “DO MUNDO PARA A COMUNIDADE” – CAMINHOS E ZONAS DE AFETAÇÕES RESULTANTES DA CIRCULAÇÃO

Esta terceira dinâmica passa a nos fornecer dados e a inferir sobre as articulações tentativas de uma instituição não midiática (INM), “OloduMatão” mantida por ONG’s italianas. Esta instituição atua na circulação em movimentos de fixação<sup>4</sup> de uma estética do “tipo ideal” do “ser quilombola”. Neste movimento, as materialidades apontam para um processo experimental por parte da INM em “rememorar” valores simbólicos já consolidados na cultura e vinculados à tradição afro-brasileira (dança afro e de percussão), a representação dos tambores, a pintura dos corpos e expressões físicas demarcam territórios identitários destes jovens quilombolas nas redes sociais.

---

<sup>4</sup> A fixação imagética acionada pela INM “OloduMatão” decorre de “uma mesma imagem, amplamente reproduzida, e que chega a muitas pessoas [temos] uma reiteração de uma imagem e, portanto, uma possibilidade de fixação, resultando em uma restrição de acesso a outras imagens” (ROSA, 2016, p.10). A técnica da instituição não-midiática para postular valores de fixação da imagem ocorre por meio da produção, seleção/edição e espelhamento em diversos circuitos (Blogger, Youtube, Facebook) de uma mesma oferta.

Neste ordenamento acionado pela INM, percebemos a ocorrência de uma proliferação de táticas de oferta que “só permanecem circulando, indo adiante, aquelas imagens que foram valorizadas tanto pela produção como pelo reconhecimento” (ROSA, 2016, p.11). A dinâmica apresenta “as operações [da] circulação como uma relação de atribuição de valor (...) aplicada às imagens [que] vincula-se a capacidade de proliferação e permanência de determinadas fotografias [implicando em] consumos ou fagias múltiplas” (ROSA, 2017, p. 3). Os jogos de disputas entre os experimentos fragmentários da rede no meio Facebook e sua “desfragmentação” acionada pela INM “OloduMatão” que reclama nas redes um movimento de “contra fluxo”, atuando na condição de “freio representacional” do “ir adiante” na circulação e tenta estabelecer em suas lógicas, criar um espaço virtual de auto reconhecimento e de reiteração da memória deste “ser negro e jovem quilombola”.

### Ilustrações 10, 11 e 12



Do autor, 2017. As imagens foram extraídas do fluxo entre fevereiro e maio de 2017. Termos de autorização da pesquisa autorizados, mas por serem menores de idade (do centro à esquerda), informações de identificação foram suprimidas.

Ao descrever os empíricos em um movimento da esquerda para a direita, a primeira extração expressa processos de subversão<sup>5</sup> à lógica do Facebook por parte dos jovens quilombolas. A produção de “ofertas desterritorializadas” é a tônica evocada e passa a ser enunciada como uma provocação aos interagentes: “Liga O Gps E Tenta Descobrir”. As demais imagens pertencem a um episódio mais amplo das afetações na medida em que se expandiu as esferas de escuta e dos campos da recepção na rede social.

<sup>5</sup> Este movimento acionado percebe no ato criativo (ROSA, 2016) uma apropriação do valor imagem que se estabelece por meio da subversão da tecnologia, manobra tentativa de fixação e reconhecimento na circulação.

Os jovens ao se apropriarem de lógicas *ad hoc* com o objetivo de uma comunicação mais “valorativa” entram em sintonia com o propósito de fixação da representação simbólica pensada pela INM do OloduMatão.

As construções de sentido ou dos episódios extraídos passaram a transitar conforme caminhos e temporalidades de inscrição destes jovens no circuito no meio Facebook evocando, enquanto tentativa de teoria explicativa, uma vertente heurística na História desenvolvida por Rogério Haesbaert em 2005. Na tese desenvolvida pelo autor, recuperamos à noção do “mito da desterritorialidade” que, no atual cenário da midiatização, assume múltiplas formas e em fluxos próprios/específicos. A lógica no meio Facebook permite a conversão das territorializações fechadas em “político-funcionais flexíveis”. Para Haesbaert (2005), a multiterritorialidade pensada na função “político-funcional flexível” é conceituada como a ação ou processo no qual os indivíduos ao ascenderem às redes, os mesmos passam a se conectar em diferentes territórios, sejam eles individuais ou coletivos.

O movimento de “idas e vindas” pensadas aqui, faz parte de uma estratégia de subversão do algoritmo. A tônica das redes e seus territórios expressam esta nova condição “cidadã” onde o território ou local designado pelo jovem quilombola passa a representar uma zona de conforto e acolhida.

### Ilustração 13



Do autor, 2017. Registro da apresentação no Ministério Público Federal da Paraíba, na ocasião do I Seminário Paraibano Sobre o Genocídio da População Negra e Políticas Educacionais.

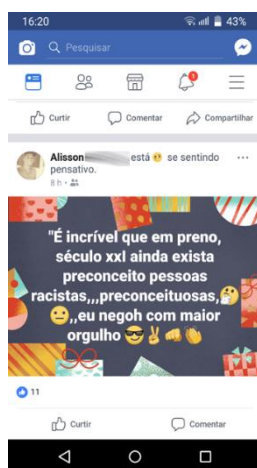
O registro de extração no fluxo de número 13 representa uma tentativa de fechamento da Instituição Não Midiática, OloduMatão em “fixar” a imagem e identidade de um “jovem negro quilombola”. Contudo, resultante dos movimentos da circulação, as afetações múltiplas e estratégias acionadas por estes jovens deixam “vazar” os limites desta ambiência. O enunciado demonstra dois episódios distintos: o primeiro representa o movimento de multiterritorialização descrito na localização: “Onde O Mal Não Me Atinge” e, um segundo onde observamos a caracterização do movimento de fixação de valores comunitários e coletivos, ação esta, de acoplamento do OloduMatão à dinâmica. O enunciado expressa as afetações: “Minha segunda família olodum matão arrasando no mpf #diamaisqueperfeito”.

### 3.4 DINÂMICA 4. O CONTRA FLUXO “DA COMUNIDADE PARA O MUNDO” – A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS NA CIRCULAÇÃO

A quarta zona/dinâmica de transição percebe nas materialidades a ocorrência de disputa dos sujeitos que, ao se projetarem na circulação, enquanto comunidade se autoafirmam na condição de representação simbólica e “negra e quilombola”. Neste percurso, a coleção do empírico demonstra como este jovem “toma para si” a produção destas ofertas, reconhecendo seu protagonismo e lugar de fala.

Neste cenário, a dinâmica evidencia uma apropriação por parte destes sujeitos, projetando no fluxo valores comunicacionais próprios, ou seja, não é mais a visão da instituição não midiática, OloduMatão e nem da imagem do negro estereotipado pela cultura exógena do algoritmo no meio Facebook. O elemento de representação que marca esta etapa tem como referência o pertencimento/território quilombola e, a partir dele, uma identidade própria se constitui e é acionada por postagens que retratam opiniões sobre o racismo, posições políticas e sociais.

#### Ilustrações 14, 15 e 16



Do autor, 2016 e 2017. Termos de autorização da pesquisa autorizados.

O exercício tentativo proposto pelas extrações exemplifica como o movimento da circulação das redes com suas “idas e vindas” movimentaram as materialidades que, mesmo perambulando na circulação e de forma canhestra passaram a comunicar, modos e operações próprias deste espaço da comunidade (dos muitos “eus”) para o mundo das redes. Nas extrações selecionadas, as enunciações fortalecem a fixação da memória simbólica do jovem quilombola. A jovem retratada, na imagem à direita enuncia o seguinte: “Ela é tão ela e as outras todas iguais. Cachos”. O ato comunicacional da jovem quilombola discursivamente chama atenção pelo fator de diferenciação, ao perceber a ocorrência de replicações no fluxo de elementos simbólicos de uma mesma ordem, coloca-se em oferta “algo” que se diferencie, no caso, de possuir os cabelos cacheados.

### 3.5 DINÂMICA 5. “IR ADIANTE” OU NÃO: “O EU FÍSICO E VIRTUAL” – CONFLITOS E TENSÕES DOS PROCESSOS SOCIAIS NO APAGAMENTO DA TOTEMIA

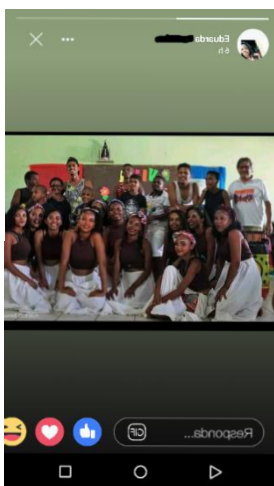
A última dinâmica apresentada recupera das coleções do empírico, marcas que sinalizaram mutações e sentidos outros nas representações imagéticas e identitárias dos quilombolas. O evento ainda em processo faz parte da observação de ofertas outras postas em circulação pelos jovens.

A dinâmica anterior, evidenciou um fortalecimento do protagonismo e representação simbólica do ser “jovem, negro e quilombola” nas redes, contudo, disjunções *ad hoc* acionadas por dinâmicas nos processos e das práticas sociais, acirramento político e religioso de teor conservador dispararam ofertas para uma não fixação das representações simbólicas. O fenômeno e suas marcas foi gradativamente delineado após o mês de setembro de 2018.

O movimento regulatório das práticas sociais convencionou um mecanismo de segurança e de resguardo temporal no recurso do “*Stories*”, disponibilizado pelo meio Facebook. A lógica interna deste mecanismo permite que a imagem permaneça em fluxo “retido” por apenas 24 horas desde sua oferta. Outra característica desta “representação provisória” é o controle da audiência pelo número de visualizações do produto ofertado, agora em um fluxo não mais replicante.

#### **Ilustrações 17, 18 e 19**





Do autor, outubro e novembro de 2018. Termos de Consentimento da pesquisa autorizado, maiores de idade.

As imagens recuperadas buscam esclarecer o fenômeno do apagamento da totemia imagética do jovem quilombola em negociação por parte dos atores na circulação. A apropriação deste recurso impede que o algoritmo do meio Facebook realize a gestão de memórias passadas com as do presente e uma possível projeção de futuro. Os esquemas, lógicas e apropriações de recursos ocorridos após “deslocamentos” nas superfícies dos processos sociais internos da comunidade necessitam uma melhor descrição no contato com os jovens na pesquisa de campo a ser desenvolvida. Outra vertente em andamento é uma possível maturação no interior das lógicas do Facebook de um “sistema de resposta algorítmica do social”. Esta hipótese bastante prematura, aponta para indícios de um sistema de automático de demandas subjetivas postas em circulação.

O totem, tensionado por intemporalidades, parece empreender por parte dos sujeitos/atores, um movimento que “busca se unir a outras pessoas e grupos para valorizar a ideia da vida, por isso a fotografia [representação] é tão forte como elemento mágico” (ROSA, 2012, p.103). Neste perfazer e esforços coletivos, a sobrevivência e o “ir adiante” do simbólico representa uma “projeção externa de certos laços sociais internos (...) evoca imagens interiores, estruturas e laços do social” (p.103). O totem/potência imagética e simbólica parece se articular a condições, modos e operações sociais de “tipo ideal”, a representação deve ser experimentada/vivenciada/sacralizada por uma coletividade, a mesma deve ser posta e referencializada/sacralizada por operações de circulação e, ser reconhecida enquanto representação mítica pelos interagentes nas redes.

Em nosso caso, as disrupções internas, jogos de disputas pelo discurso de referência no interior da comunidade quilombola do Matão espelharam uma condição de “fixação-apagamento” da imagem totêmica do jovem quilombola. Os movimentos de idas



e vinda, avanços e recuos expressam o grau de fragilidade dos laços sociais da comunidade que, por sua vez “os dispositivos são [e atuam em] espaços de realização de processos comunicacionais, acolhendo resistências, visibilidades, permitindo replicações e apagamentos de imagens” (ROSA, 2012, p.118).

## ENCAMINHAMENTOS

O Facebook enquanto plataforma é uma zona de inscrição onde ocorrem processos tentativos e táteis de usos e apropriações de recursos técnicos por parte dos interagentes neste meio. No espaço da circulação, lógicas e gramáticas são atualizadas e a cultura participativa passa a ser conduzida pelas redes. O desafio do produtor reside em expressar materialidades com uma força valorativa de capital social. Outra vertente de análise a ser desenvolvida é a constituição de um imagético quilombola que passou a perambular pelos circuitos na condição de uma dádiva e “crença simbólica – ou totem”, porém, esta consolidação será melhor descrita quando situarmos estes aparecimentos/desaparecimentos nos processos sociais e que, tentativamente se impõem em “rituais sociais de reiteração” (ROSA, 2015, p. 150).

Diante desses questionamentos são necessários esclarecimentos quanto ao papel do GESAC na medida em que ele permite o ingresso da comunidade na ambiência, descrevendo como o acoplamento do OloduMatão na dinâmica, “reorienta” a “percepção de si” na condição de negro, jovem e quilombola. A apresentação do caso, de suas coleções, inferências e dinâmicas pretendem encaminhar uma análise mais precisa das atualizações destas representações simbólicas, observando a entrada e saída dos atores nas dinâmicas propostas.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. (2006). **A sociedade enfrenta sua mídia**. São Paulo, Ed. Paulus

\_\_\_\_\_ (2008). **Comunicação, disciplina indiciária**. In: Matrizes, nº 2, p. 73-88, 2008. São Paulo, ECA/USP, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193/40937> Acesso em 08 jun. 2018.

\_\_\_\_\_ (2015). **O grau zero da Comunicação**. E-Compós, vol. 18, nº 2, mai/ago, 2015. Brasília: Compós.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon *et al.* (2017) **Matrizes interacionais – A comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB.



Brasil. Tribunal de Contas da União (2015). **Política pública de inclusão digital**. Tribunal de Contas da União. Brasília: TCU, SeinfraAeroTelecom, 76 p. Disponível em: <<https://portal.tcu.gov.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8182A1509645C1015096EE37116FE7>>, acesso em 18 dez. 18.

CÁDIMA, F. Rui (2014). **Sobre o digital: convergência. Divergência, fraturas**. João Sãágua e F. Rui Cádima (Orgs.) Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

COSTA, Rogério Haesbaert (2011). **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

FAUSTO NETO, Antônio & SGORLA, Fabiana (2013). **Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística**. In: Revista Lumina, Vol.7 • nº1 • junho 2013 Disponível em: <<https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/download/125/119>>, acesso em 08 jun. 2018.

FAUSTO NETO, Antônio. **Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?** In Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. Organizadores: José Luiz Braga *et al.* São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS. p. 43-64

FERREIRA, Jairo.(2013). **Como a circulação direciona os dispositivos, indivíduos e instituições?** In Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. Organizadores: José Luiz Braga *et al.* São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS. p. 140-155

GOMES, Pedro G (2016). **Mídia e Sociedade**. In: As condições de possibilidade da comunicação hoje. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS.

ROSA, Ana Paula da (2014). **Imagens totens em permanência x tentativas de rupturas**. In: CONTRETA, Malena; ARAUJO, Denise (Orgs). Teorias da imagem e do imaginário. Brasília: COMPÓS, 2014. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/teorias\\_da\\_imagem\\_e\\_do\\_imaginario.pdf](http://www.compos.org.br/data/teorias_da_imagem_e_do_imaginario.pdf), acesso em 08 jun. 2018.

\_\_\_\_\_(2015). **Atentado em looping: uma palavra que aciona uma imagem**. In: Revista Famecos. Vol 22, nº 04, 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/20992/13493>>, acesso em 08 jun. 2018.

\_\_\_\_\_(2016). **Imagens em proliferação: a circulação como espaço de valor**. In anais do V Colóquio Semiótica das Mídias. vol. 5, nº 1. Japaratinga, AL: UFAL. Disponível em: <[http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5\\_AnaPaulaRosa.pdf](http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm5/CSM5_AnaPaulaRosa.pdf)>, acesso em 09 jun. 2018.

\_\_\_\_\_(2017). **Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível**. In anais do VI Colóquio Semiótica das Mídias. vol. 6, nº 1. Japaratinga, AL: UFAL. Disponível em: <[http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm6/CSM6\\_AnaPaulaRosa.pdf](http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm6/CSM6_AnaPaulaRosa.pdf)>, acesso em 09 jun. 2018.

SORJ, Bernardo (2003). **Brasil@povo.com: a luta conta a desigualdade na Sociedade da Informação**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.